

J O R N A L

adunicamp

ANO 6

DEZEMBRO 86

Entrevista com

ZEFERINO VAZ



SALÁRIOS!

CONCURSOS!

RDIDP!

EQUIPAMENTOS!

E MAIS:
Concurso de charges na página 7
Tribuna Livre na página 8

EDITORIAL

Feliz ano velho!

Pluralidade! Independência! Combatividade!

Com essas palavras dando cor ao seu programa, a diretoria eleita da ADUNICAMP pôs mãos à obra. Trabalhando como executiva do Conselho de Representantes, privilegiou esse órgão como fonte de decisões, estabelecendo um calendário fixo para as reuniões, com pautas previamente divulgadas.

Em reuniões sucessivas, articulou-se rapidamente com as outras entidades representativas (ASSUC, DCE e APG), a princípio buscando pontos em comum para dar andamento ao processo de escolha do novo reitor, mas tendo como meta principal a ação conjunta em prol da comunidade universitária.

A discussão dos assuntos em uma diretoria ampliada, aberta à participação de todos auxiliou muito o encaminhamento de propostas por parte da diretoria eleita, e enriqueceu o debate político. A criação de uma comissão salarial possibilitou o aprofundamento das questões funcionais dos docentes, através da elaboração de documentos importantes, tomados como base de reivindicação pelas outras associações docentes e utilizadas para análise inclusive pelo próprio governo do Estado.

A aproximação com a ADUNESP e com a ADUSP permitiu a convergência de posições, que acabaram por se unificar, inclusive com a divulgação de boletins conjuntos, encaminhando propostas referentes à melhoria salarial e mais recentemente, à mudança da carreira docente nas universidades estaduais. Ainda no plano externo, a participação junto à ANDES foi intensificada.

A instalação do Conselho Universitário foi motivo de um Simpósio, com propostas tiradas em assembléia e divulgadas em boletins,

tendo os membros da diretoria participado de debates em diversas unidades, juntamente com os representantes docentes no Conselho Diretor, na busca da conformação mais adequada do Conselho na visão dos docentes.

Procurando incentivar o desenvolvimento técnico e científico dos docentes, a ADUNICAMP deu início a um processo de compra de microcomputadores, a preços baixos e financiamento a longo prazo, hoje encampado pela Universidade e transformado em programa contínuo (Programa de Aprimoramento Computacional do Corpo Docente da Unicamp), com repercussão em outras universidades que iniciaram agora programas semelhantes. A implantação da fase inicial deste programa, com a aquisição de cerca de 300 microcomputadores para uso exclusivo do corpo docente, está para ser concretizado ainda este ano.

A ADUNICAMP tem claro que nada disso seria possível sem o empenho dos docentes em colaborar com a diretoria, seja participando das reuniões do C.R., da diretoria ampliada, das assembléias, das comissões, etc... Prova disso é a existência deste Jornal, que pretende ser o órgão de divulgação de todos os docentes desta Universidade. A comissão de imprensa, responsável por tudo o que se refere ao jornal, conta apenas com um membro da diretoria, sendo os "demais" voluntários. Os artigos são enviados por docentes de diversas unidades, e trazem opiniões que expressam as mais diferentes correntes ideológicas.

Esse respeito à pluralidade e o apoio à sua manifestação caracterizam esta diretoria, tanto em suas

discussões internas como frente a outras instâncias e entidades. É um princípio, assim como o é para qualquer universidade digna desse nome.

Baseada nesse princípio, a ADUNICAMP atravessou o ano de 1986. Restam coisas importantes à fazer: o estabelecimento de uma carreira para os professores dos Colégios Técnicos é uma delas, a ADUNICAMP continua empenhada, junto com os professores desses colégios, em debater com a Reitoria a proposta por eles elaborada, e que ainda não foi aprovada pelo reitor. Também o regimento interno do Conselho Universitário deverá ser amplamente discutido, para que o processo de institucionalização da Unicamp seja influenciado, até o final, pela posição dos docentes.

Outras tarefas, não menos importantes, ficam para o final deste ano e começo do próximo: a reestruturação da carreira, com o estabelecimento dos níveis horizontais de progressão, a rediscussão do RDIDP; a reforma dos estatutos da ADUNICAMP, já em discussão; ampliação das atividades culturais e sociais, e outras que venham a se tornar relevantes para o conjunto dos docentes.

A ADUNICAMP agradece a todos os docentes desta universidade pelo apoio que recebeu neste ano que passou, especialmente àqueles que participaram das comissões e trabalharam mais próximos da diretoria. Vamos para 1987 com a mesma disposição, contando com a participação ainda maior de todos os docentes na construção de uma entidade forte e representativa, que trabalhe por uma Unicamp independente, combativa e pluralista.

FELIZ ANO NOVO!

EXPEDIENTE

"Jornal Adunicamp"

Publicação bimestral da Associação dos Docentes da Unicamp Cidade Universitária Zeferino Vaz — CP 6158 — Campinas — SP Fones: (0192) 39-1148 e 39-1301 ramal 2494

EDITORES

Alfonso (Adunicamp); Jurandir (FEE); Tomáz (FEC)
Jornalista responsável: Gilberto Gonçalves — MTPS 11.576
Fotos: Milanez (FEC)

PLANEJAMENTO VISUAL GRÁFICO



ALTERNATIVA
Assessoria de Comunicação

Rua Emilio Henking, 642 — Campinas
Fone: (0192) 42-8009

DIRETORIA

Hermano Tavares — Presidente
Roberto Teixeira Mendes — 1º vice
José Sátiro de Oliveira — 2º vice
Silvio Pregnotatto — Secretário
Afonso Schrank — 2º secretário
Aderbal Magalhães — Tesoureiro
José Suassuna Filho — 2º Tesoureiro

SEÇÕES PERMANENTES

Conselho de Representantes — Helena (FE) Gilli (IMECC)
Cultura — Raquel (IG)
Ensino — Milanez (FEC)
Conselho Diretor — Marcelo (FCM)
Esportes — João Batista (FEF)
Tribuna Livre — Editorias

Adunicamp e

Zeferino Vaz



Foto: Cidric

ADUNICAMP — Professor Zeferino, como presidente da Comissão Organizadora da Universidade de Campinas, quais as suas preocupações no projeto de construção da Cidade Universitária?

Zeferino — A primeira era a de como traduzir no projeto arquitetonicamente a idéia de unidade de pensamento e de ação da cultura humana, a ser inculcada e desenvolvida pelos Institutos Centrais e constituindo o “cuore” do sistema.

Imaginamos então que se poderia obter a concretização de idéia unitária e com ela, o “cuore” da Cidade Universitária através de uma praça central circular de grandes dimensões, em cujo perímetro se construíssem os edifícios de todos os Institutos, além da Reitoria e da Biblioteca Central. A praça seria um imenso jardim oferecendo os elementos estéticos necessários e repousantes, rodeada pelos prédios dos Institutos e pela grande Reitoria, todos de construção sóbria e discreta. Terá destaque porém e ocupará a área perimetral de mais nobre significação o edifício da Biblioteca Central. Para ele, como símbolo e depositário da sabedoria, não de estar voltados subalternamente todos os demais edifícios. Será belo, majestoso e digno porque só a sabedoria humana voltada para o bem do homem e ao serviço de Deus, merece ser abrigada com toda a dignidade e toda a majestade.

Imaginamos mesmo que, compondo a fachada do edifício da Biblioteca, se construa uma fonte de água abundante e cristalina que traduza simbolicamente o sentido que a Biblioteca tem da fonte de sabedoria onde todos os cientistas, filósofos, artistas e letrados vão saciar a sede do saber.

“A Universidade não pode dedicar-se apenas ao ensino profissional, à investigação científica e ao conhecimento da filosofia e da estética”

No interior da praça central não haverá circulação de veículos individuais ou coletivos. A circulação far-se-á por uma avenida perimetral que passa atrás dos Institutos. *Como o terreno doado dispõe de um*

lago, junto a ele se disporão os campos de esporte e as residências dos alunos.

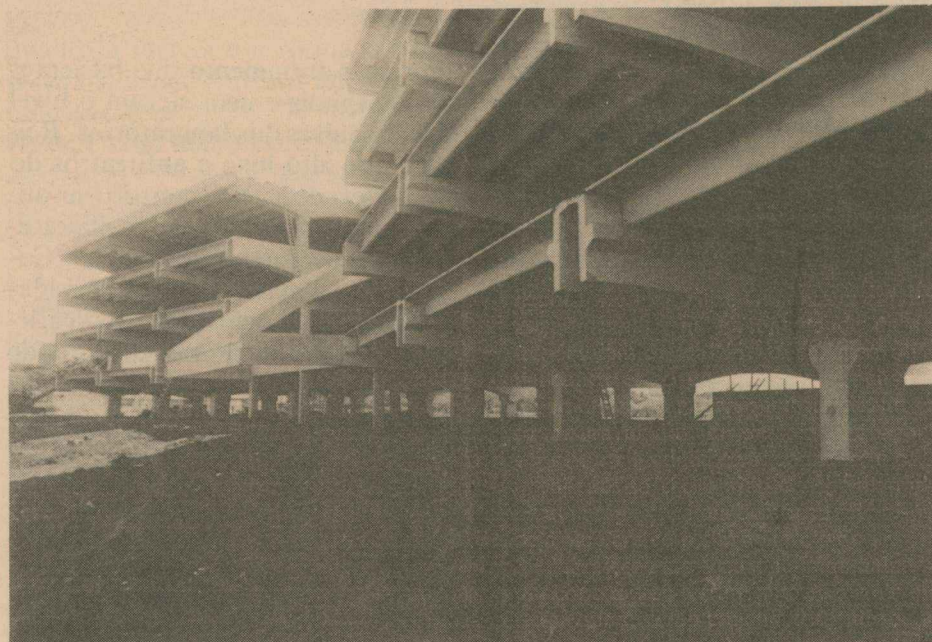
ADUNICAMP — Para o senhor o que é a Universidade?

Zeferino — A Universidade é o viveiro em que se formam os dirigentes da nação. Como tal, há de cultivar, entre mestres e alunos, o conceito que a finalidade básica da Universidade é pôr a serviço da pátria e da civilização as técnicas e conhecimentos que a cultura elaborou, coordenando as atividades criadoras e divulgando os pensamentos estéticos e ideológicos. A Universidade não pode dedicar-se apenas ao ensino profissional, à investigação científica e ao conheci-

mentos humanos através da investigação original nas ciências, nas artes e na filosofia; Equacionar e procurar resolver os problemas da coletividade; Inculcar em seus alunos uma consciência ética, valorizando os ideais de ciência, de pátria e de humanidade bem como o espírito de que, dentro da variedade dos conhecimentos humanos, o que se busca é o bem-estar espiritual, físico e social do homem.

ADUNICAMP — Estes objetivos têm sido alcançados?

Zeferino — Há crença generalizada de que a Universidade brasileira não tem conseguido cumprir esses objetivos, nem mesmo quanto à quantidade de profissionais.



A biblioteca central em construção

mento da filosofia e da estética. No conjunto heterogêneo dos cursos que a compõem ela há de criar uma unidade espiritual, através da cultura de orientação humanista, dirigindo a formação da personalidade de seus alunos no sentido de criar neles uma consciência nacional, assim como para o enaltecimento dos valores morais que se oponham à crescente mecanização do espírito e ao utilitarismo frenético de nossos dias.

ADUNICAMP — E quais seriam os objetivos da Universidade?

Zeferino — Os objetivos podem ser assim resumidos: Formar profissionais éticos e cientificamente preparados, para atendimento das necessidades do país; Promover os

Certamente temos motivos sobejos para envaidecer-nos de muitos cientistas brasileiros que, nas Universidades, vêm contribuindo pela investigação científica original, para o progresso da ciência. Havemos de envaidecer-nos, também, da qualidade de ensino ministrado em algumas Faculdades, sobretudo de medicina.

Os cientistas autênticos são, porém, muito poucos em relação às enormes demandas da Nação, assim como poucas são as Faculdades realmente boas entre as centenas existentes.

A verdade é que prevalece a afirmativa inicial do precário rendimento das Universidades brasileiras.

ADUNICAMP — A Unicamp, ao organizar seu próprio vestibular este ano, está tentando uma maior integração com os cursos secundários. Na sua opinião, como andam estas relações?

Zeferino — As Universidades não atendem, nem remotamente, à demanda de professores secundários, sobretudo nos setores das ciências biológicas, da física, da química e da matemática, para os milhares de ginásios e colégios instalados no país, nos últimos anos.

Exemplo característico de alheamento das Universidades, em relação à realidade social, é o não prestar qualquer atenção à questão importantíssima da qualidade do ensino secundário em nosso país.

Todos nós universitários gritamos, “a uma voce”, que o ensino secundário não vale nada, que os candidatos à Universidade chegam totalmente despreparados e, após tanto gritar, descansamos tranqüilos com a nossa consciência. Olvidamos que à Universidade compete melhorar o ensino secundário e que este só se aperfeiçoa em função da qualidade de seus professores e, por fim, que cabe exclusivamente às Universidades a tarefa de formar esses professores, em número e qualidade adequados.

Nesse, como em outros problemas, precisamos assumir atitudes construtivas, não nos limitando à cômoda posição de atribuir a outrem todas as culpas e indagando, de nós mesmos, o que devemos fazer para corrigir situações erradas.

ADUNICAMP — E as interações com as indústrias?

Zeferino — As Universidades isolam-se do ambiente e se alheiam da realidade sócio-econômica e cultural. É quase total a falta de entrosamento com as indústrias, para conhecer-lhes os problemas e procurar dar-lhes solução adequada. Como resultado, gastamos quantias imensas em pagamentos de “royalties”. Exemplo característico é o que ocorre com a indústria farmacêutica, como foi analisado neste jornal.

ADUNICAMP — Como o senhor vê o processo de criação de novas faculdades e institutos na Unicamp?

Zeferino — O crescimento das Universidades faz-se, como tradicionalmente, pela criação de novas faculdades, bem individualizadas, ao sabor de interesses pessoais e de prestígios momentâneos, sem qualquer planejamento prévio e sem indagar se professores, de disciplinas já existentes em outras unidades, não poderiam ministrar o ensino delas na nova unidade criada.

ADUNICAMP — O senhor critica muito aqueles que monotona-mente repetem que o ensino e a pesquisa não melhoram no Brasil dada a carência de recursos. Isto de fato ocorre?

Zeferino — É claro que a escassez de recursos é verdadeira. Não é menos verdade, porém, que a mesma pobreza de recursos financeiros se observa para o ensino primário, para o secundário e profissional, para a saúde e para a agricultura, para as obras públicas, tanto quanto para os investimentos de infra-

ADUNICAMP — Mas professor, ao lado desta escassez de recursos, o senhor não acha que nossos governantes dão pouca prioridade à educação e em particular às universidades?

Zeferino — Acredito parecer chegado o momento de aceitarmos a inelutabilidade da carência de recursos como fenômeno natural do

lia, deveria ser seguido por outras Universidades. Constroem-se edifícios imensos para laboratórios, com a preocupação da beleza arquitetônica à custa de enormes espaços perdidos e de acabamento de alto padrão. Olvidamo-nos de que mármore, fachadas, lambris, "halls", aço inoxidável, espaços perdidos e falsa beleza arquitetônica não me-

obras civis. E quanto aos laboratórios de nossas universidades? O senhor não acha que eles carecem de aparelhos adequados para as pesquisas?

Zeferino — Outra forma de desperdício consiste na aquisição de alguns aparelhos caríssimos, da última moda para mostrar às visitas. É impressionante o número de microscópios eletrônicos existentes no Brasil e utilizados precariamente. Alguns tão virgens de uso, quanto no dia em que foram comprados. Agora a moda é adquirir computadores eletrônicos e instalar televisão em circuito fechado.

A necessidade imperiosa desses poderosos instrumentos de trabalho e o alto rendimento científico deles são inegáveis. Mas, a primeira condição para adquiri-los é a existência de homens capazes de utilizá-los e de conservá-los. Citei dois tipos de equipamentos que, com frequência, servem apenas para mostrar às visitas. Posso, porém, afirmar que centenas de outros, também de alto



Novas instalações do IMECC

“As Universidades têm malbaratado os precários recursos financeiros aplicando-os inadequadamente e com baixa rentabilidade”

subdesenvolvimento e não como atitude de incompreensão ou de hostilidade dos governos. Se quisermos ser objetivos, impõe-se que deixemos um pouco em paz o governo como bode expiatório e responsável pelo nosso fracasso, voltando-nos para as nossas consciências, e fazendo a seguinte pergunta: As Universidades brasileiras terão aplicado, adequadamente, os escassos recursos postos à sua disposição pelos governos de uma nação pobre?

Acredito poder responder que, de forma geral, as Universidades têm malbaratado os precários recursos financeiros, aplicando-os inadequadamente e com baixa rentabilidade.

ADUNICAMP — Como assim, professor, o senhor teria exemplos?

Zeferino — O culto do monumental, através da construção de edifícios grandiosos e de fachadas imponentes, tem caracterizado a implantação física de muitas Universidades brasileiras. Gastam-se dezenas de bilhões de cruzeiros velhos na construção de gigantescos hospitais universitários de clínicas, cheios de mármore e caixilhos de alumínio, os quais não podem ser concluídos por falta de recursos ou, quando concluídos, já não existe mais dinheiro que chegue para equipá-los, ficando abandonados. O exemplo do hospital de Sobradinho em Brasília, simples e eficiente, utilizado pela Universidade de Brasília,

lhoram o tratamento dos pacientes dos hospitais e nem elevam o nível das pesquisas dos laboratórios. Reitorias de alto luxo e anfiteatros do mais elevado custo, constituem outra forma habitual de malbaratamento de recursos financeiros. Conhecendo a maioria das Universidades do mundo ocidental, posso afirmar que em nenhuma delas pude ver os requintes de monumentalidade e o delírio de grandiosidade que se observam em algumas universidades brasileiras. Quem viu os laboratórios de Serano, Ochoa, prêmio Nobel, na “New York State University”, de paredes de tijolo concretado, sem qualquer revestimento, simplesmente pintados de cal, com as canalizações a descoberto, mas dotados de equipamentos os mais modernos, não pode compreender o luxo de acabamento e de áreas construídas inúteis, observadas nas Universidades brasileiras. Os países ricos e desenvolvidos aplicam seus dinheiros adequadamente em material humano, equipamentos, bibliotecas e biotérios.

Os edifícios estão no último degrau na escala de prioridade. Entre nós, estão em primeiro lugar. A verdade é que as fachadas imponentes servem, em geral, para esconder as deficiências dos recursos humanos, de instrumental e de bibliotecas.

ADUNICAMP — Bem, professor, nos parece que o senhor centra muito suas críticas nos gastos em

“As fachadas imponentes servem, em geral, para esconder as deficiências dos recursos humanos, de instrumental e de bibliotecas”



estrutura, isto é, produção de energia, construção de estradas de ferro ou de rodagem. É inegável, outrossim, a deficiência de recursos para a defesa nacional, assim como para o policiamento interno. Convém ter em mente que a escassez de recursos, para todas as atividades da Nação, é a consequência natural, inelutável, do nosso subdesenvolvimento, não se tratando, portanto, de fenômeno específico que só ocorra nas Universidades.



preço, ou dormem nas mesas dos laboratórios ou são muito pouco usados. Enquanto isso, cientistas brasileiros de alto padrão lutam, desesperadamente, para conseguir aparelhos ou revistas científicas, despendendo tempo e energias com muito pouco resultado. A desculpa que lhes dão é sempre a mesma: falta de verbas. A impressão de quem observa o panorama universitário brasileiro é a de que a atitude espiri-

tual, da Casa Grande dos senhores do engenho, transferiu-se para as Universidades, como conseqüência da mentalidade aristocrática que caracteriza o catedrático brasileiro.

ADUNICAMP — E quanto à estrutura da Universidade, o que o senhor diz?

Zeferino — A atual estrutura das nossas Universidades constituem



“Qualquer universitário brasileiro sabe que na maioria das vezes o concurso está decidido antes de ser realizado”

simples aglomerados de várias Faculdades, cada qual bem individualizada e ociosa de sua soberania didático-científico-administrativa. Cada faculdade, por sua vez, é uma colônia de cátedras independentes e com absoluta autonomia didático-científica, dispendo de laboratórios e de equipamentos privativos. Uma tal estrutura acarreta uma tremenda dispersão de recursos humanos e materiais. Há, em cada Universidade, dezenas de laboratórios dos múltiplos ramos da química, da biologia e da física, repetidos em cada Faculdade e sendo quase todos eles mal equipados, porque não dispõem de aparelhos próprios, duplicados em cada um, não sobrando recursos para a aquisição dos grandes equipamentos de precisão que permitem a pesquisa científica no nível internacional.

ADUNICAMP — Há pouco o senhor fez referências à existência de “homens capazes” de utilizar os equipamentos que viéssemos adquirir. O que o senhor quis dizer com “homens capazes”?

Zeferino — Uma larga vivência, de 32 anos de exercício da cátedra e de 26 anos como membro do Conselho Universitário da Universidade de São Paulo, acrescidos de 8 anos de trabalho em Instituto de Pesquisas de alto nível, como é o Instituto Biológico, deram-me um razoável conhecimento da patologia de nossas instituições culturais. Já escrevi, de outra feita, que assisti ao esplendor, à estagnação e à decadência de várias delas e me convenci de que quase tudo derivou da transigência com a mediocridade. A causa básica da decadência foi sempre a mesma: o afrouxamento dos critérios de seleção de valores, a conseqüente admissão de mediocres nos quadros docentes e o sentimentalismo fácil que impede a eliminação dos incapazes. É muito cômodo, mas criminoso, ostentar falsa bondade à custa do dinheiro público e do futuro da ciência. Poucos se dão conta do imenso perigo que correm as Universidades, admitindo incapazes como docentes. Nada resiste à mediocridade destruidora e nada é tão unido quanto um grupo de mediocres para combater e destruir o talento. Nada é tão contagiante quanto a inércia e a rotina e nada supera a capacidade de intriga dos espíritos mediocres, os quais por vezes, e com diabólica esperteza, se escondem sob as máscaras da humildade, da subserviência, de meia-ciência e da falsa ciência.

ADUNICAMP — Mas que tipo de pessoas praticam o que o senhor



Instalações do recém criado Instituto de Economia

considera meia-ciência ou falsa ciência?

Zeferino — Os cultores da meia-ciência são os mais assíduos freqüentadores das antecâmaras dos governantes e da redação dos jornais. Publicam numerosos e polpidos trabalhos, vazios de conteúdo original, simples compilações, anunciados, porém, e trombeta-

dos pela imprensa, trabalhos que ninguém lê em virtude da doença que infalçita a maioria dos brasileiros e que o prante do cientista Cesar Pinto denominou de “Gutenbergofobia”, ou fobia de leitura.

Quando me perguntam qual o fator primordial da rapidez com que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto se impôs ao mundo científico, a resposta é simples, clara e incisiva: foi a seleção cuidadosa dos professores, dentre homens de alta dignidade científica e ética. Nisso pus toda a minha alma, pois bem sabia que, sem homens capazes, de nada adiantaria planos, estruturas e regulamentos, por mais modernos que fossem.

ADUNICAMP — O senhor não acha que os concursos podem assegurar um alto nível para nosso corpo docente, eliminando os “homens incapazes”, para usar aqui a sua expressão?

Zeferino — As cátedras são preenchidas, é verdade, por concurso de títulos e provas, mas qualquer universitário brasileiro sabe que, na maioria das vezes, o concurso está decidido antes de ser realizado. Em certos casos porque se impediu, pelo afastamento, que indivíduos capazes pudessem conquistar os títulos necessários à inscrição em concurso. Em outros a vaga é conquistada porque o vencedor está há muitos anos na carreira, é muito boa pessoa, fez excelentes relações pessoais na Congregação e faz parte, enfim, da “sacristia”. Se tem real capacidade, como às vezes

possível, sem escândalo, dar a vitória ao candidato da casa. Nestas hipóteses a solução tem consistido, historicamente, em desdobrar as vagas, permitindo, assim, a nomeação dos dois candidatos.

ADUNICAMP — A Unicamp apresenta hoje uma relação aluno/professor que pode ser considerada baixa. Isto significa que o número de vagas pode ser aumentado?

Zeferino — O exemplo das escolas Politécnica, Luís de Queirós e Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, que chegaram a triplicar, em poucos anos, o número de vagas, sem qualquer prejuízo para a qualidade de ensino que ministram, indica que outras poderiam segui-lo em benefício da nação, com um pouco mais de esforço do corpo docente.

ADUNICAMP — Bem, professor, encerrando gostaríamos de ouvir sua opinião sobre o nosso regime de trabalho, uma vez que a questão do tempo integral vem sendo muito discutida. Afinal, o professor universitário é mal pago?

“No dia em que se fizer um levantamento sério da produção científica de cada docente em tempo integral teremos surpresas muito desagradáveis”

Zeferino — O baixo rendimento do trabalho da maioria dos docentes, tanto em atividades de ensino como de pesquisa, é outra das causas da precária produtividade das instituições brasileiras de ensino superior. Ainda aqui se recorre ao argumento da remuneração reduzida dos professores, para justificar o pouco que dedicam ao ensino e à pesquisa. Em muitos casos, e para muitos docentes de inegável valor, o argumento é verdadeiro. Devemos reconhecer, porém, que no Estado de São Paulo os docentes recebem remuneração razoável. Todavia, se se considerarem as muitas centenas de docentes em regime de dedicação exclusiva e a produção original científica, tecnológica e literária, haveremos de reconhecer que estamos longe de corresponder às despesas pagas em ordenados. No dia em que se fizer um levantamento sério da produção científica de cada docente em tempo integral, teremos surpresas extremamente desagradáveis.

Os docentes de tempo parcial, por outro lado, raramente dedicam as horas semanais às atividades didáticas que a lei lhes impõe.

A filha Marly relembra

Premonição: um dom de Zeferino

O Geisel está enterrando o Brasil e você não me dizer, daqui uns dez anos, se estou errado. O comentário teria sido feito pelo professor Zeferino Vaz, em sua residência em São Paulo, durante o governo do general Ernesto Geisel. Sua filha, Marly Vaz de San Juan é quem dá o testemunho da opinião do criador da Unicamp sobre a situação do país naquele momento e sua previsão para o futuro.

Seria o professor Zeferino Vaz um vidente? Sua filha prefere dizer que ele possuía uma premonição incrível pois ela mesma pode garantir que quando ele dizia alguma coisa isto acontecia, mais cedo ou mais tarde. “Não está aí o caso do nosso país?”, comenta ela, tentando dar base à premonição do pai sobre a situação do Brasil.

Zeferino Vaz, filho de espanhóis, cresceu entre partidas de buraco jogadas pelo pai e a mãe até tarde da noite e com muita discussão durante o jogo. Porém, ao término de cada rodada, a paz e a serenidade voltava ao lar dos Vaz. Quando criança, Zeferino era tremendamente briguento. Por várias vezes foi surpreendido pelo próprio pai aos socos e agarrões com colegas. De repreensão, apenas o silêncio do sr. Vaz, comerciante, de grande estatura e muito forte. Zeferino sempre foi baixinho. “E não dizem que todo baixinho é briguento?”, a filha observa.

Provavelmente desconhecendo ainda que um dia viria a implantar um dos maiores centros geradores do saber da América Latina, Zeferino ingressou na escola para aprender com os salesianos o que não deixou de praticar até os seus últimos dias de vida: esportes. Assim é que acabou por ser o primeiro a pular na piscina construída pela escola para levar aos alunos o estímulo pela natação. Apesar da honra de inaugurar a piscina, Zeferino teria deixado a água, sem horas maiores, para passar pelas mesas de “poker” como “exímio jogador” quando jovem, até se lançar em definitivo numo que viria a absorvê-lo por inteiro: esportes.

O velho Vaz, comerciante de secos e molhados em São Paulo preferia que o filho seguisse seus passos e herdasse o estabelecimento. Ledo engano. O baixinho Zeferino queria mesmo era estudar. Como monitor do professor Lauro Travassos atravessou noites e dias — sem distinguir um do outro — enfiado nos laboratórios de biologia área em que se formou. Paralelamente aos estudos cresceu também uma outra paixão. Seu nome: Juana Kadua, depois do casamento Juana Kadua Vaz, ou “Filhinha” como carinhoso apelido. Desta união nasceram os três filhos de Zeferino: Fernando, Sérgio e Marly.

Nem mesmo em tempos de crise — continua a filha explicando ele entrava em pânico. Tudo que possuía, fosse o que fosse, era o “mais maravilhoso” do mundo. Até a charrete que comprou na época da segunda guerra e utilizava para levar as crianças à escola. Não só a charrete era a “mais maravilhosa” do mundo, como o cavalo que a pu-

xava, o Sete de Ouros. Essa veneração pelo que era seu levava-o a classificar, numa seriedade que não transmitia nada de brincadeira, o Sete de Ouros como um cavalo excepcional a ponto de conhecer até a sinalização de trânsito. Brincadeiras a parte, Zeferino era realmente muito vaidoso com os filhos, diz a filha.

Do estímulo ao esporte recebido dos salesianos guardou sempre o gosto pela ginástica diária. A filha garante que ele era um

apologista da ginástica respiratória. Ele a praticava até ao se barbear pela manhã. Em todas as manhãs. Gostava muito de caminhar e o fazia até dentro de casa após o jantar. Costumava dizer que a súde do homem vem pelos pés. Por isso era preciso caminhar. Ainda em casa estava sempre pronto às “chamadas de emergência” e por isso mesmo só vestia o pijama quando ao deitar para dormir. Aliás, dormir era outra coisa sagrada. Após o almoço, diariamente dormia 15 minutos, garantindo depois que en-

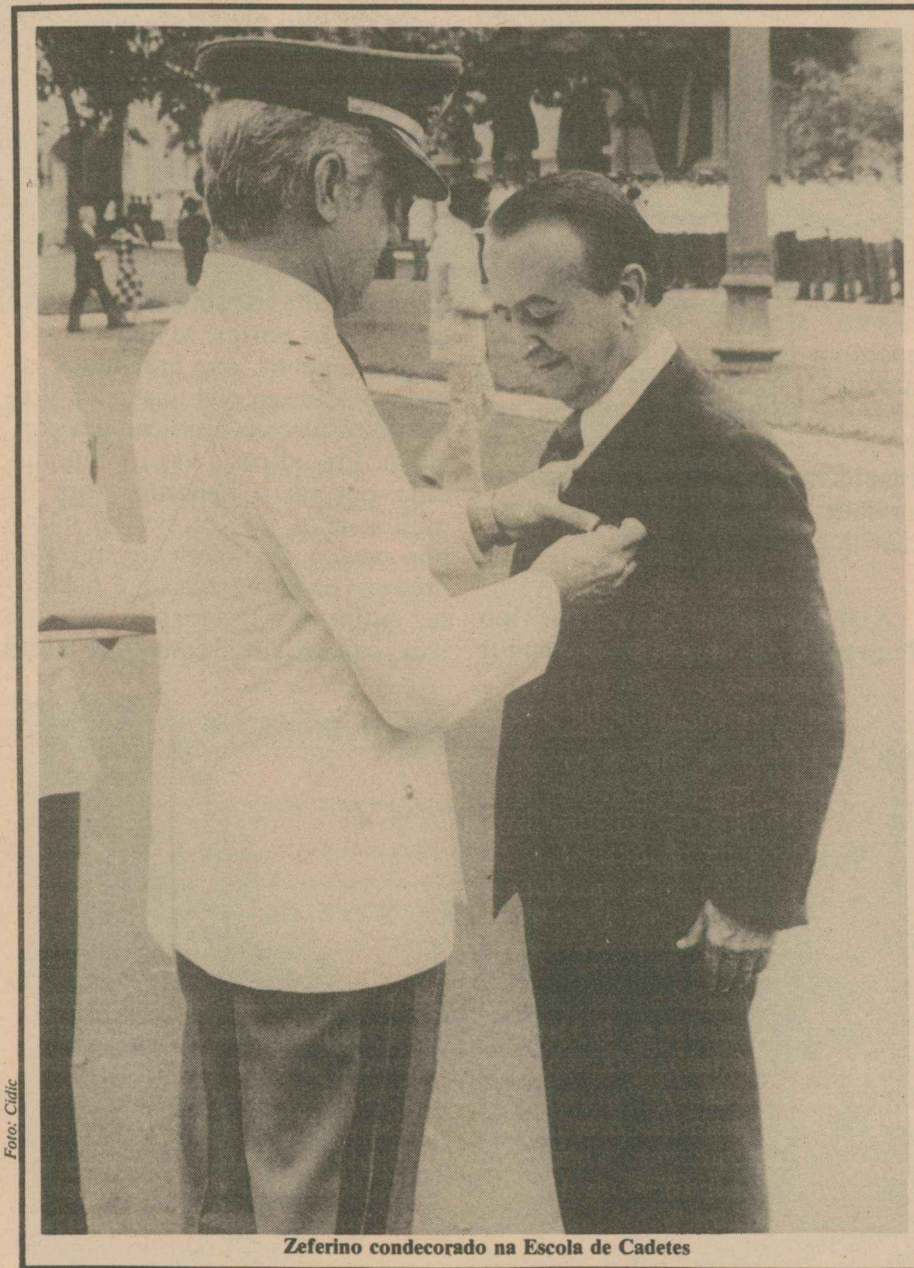
go, costumava dizer que Zeferino havia sido analisado por Jesus Cristo, tamanho o equilíbrio emocional que possuía.

Na hora das broncas, não tinha medo de falar. Não era um homem de dúvidas. Suas decisões eram tomadas sempre com uma rapidez incrível. Era muito otimista e possuía uma imensa vontade de ajudar. Marly lembra quantos estiveram ao seu lado e acabaram por crescer com ele e por seu estímulo. Castrador ele não era. Ela garante. Sempre deu suas broncas, sempre orientou, mas jamais interferiu diretamente nas decisões dos filhos.

Sempre foi muito conversador e observador. Sabia também ouvir com atenção, desde os mais eruditos até os mais humildes. Dizia que cada um tinha algo para dar. Nenhum livro que tenha passado por suas mãos deixou de receber anotações. Chegava a fazer sínteses e críticas ao texto no rodapé das páginas. Assim, ele aguçava a memória a ponto de lembrar detalhes mínimos de lugares onde esteve ou leituras feitas, como páginas inteiras de obras de Dante Alighieri. Nos últimos tempos leu muito jornais. Marly não lembra sua predileção. Mas no cinema, o bang-bang era a pedida. O cinema era passa-tempo mesmo. Ia ao teatro e ouvia música. Clássica, claro.

Zeferino Vaz sempre soube respeitar o outro, fosse homem ou mulher e este respeito acabou ressaltado por uma mulher. A historiadora Alice Canabrava concursando por uma vaga na Faculdade de Ciências Econômicas da USP, teve, entre outros, na banca, Zeferino Vaz. Naquela época este tipo de concurso era muito diferente. A banca era servida por garçons com água, refrigerante e salgadinhos enquanto o candidato apenas sofria. Teria sido nesta oportunidade uma específica demonstração de respeito dele para com o próximo. No caso uma mulher. Zeferino separou alguns salgadinhos e um copo de refrigerante e serviu à candidata que se rejubilou com a atitude de seu examinador.

Em contrapartida, aos inimigos, Zeferino Vaz sabia muito bem o que dispensar: o silêncio. O mesmo silêncio com o qual era punido, quando criança, flagrado pelo pai aos socos com colegas. Foi com este castigo que ele puniu o colega, amigo e frequentador de sua casa, Marcelo Damy, depois do rompimento. Sabia fazer política sem ser político, apesar dos inúmeros convites que teve e rejeitou. Nunca foi ambicioso e, acima de tudo amava a sua pátria. Marly argumenta que a Unicamp é a prova disso.



Zeferino condecorado na Escola de Cadetes

trava em sono profundo, neste curto espaço de tempo. E bastava apenas um travesseiro para apoiar a cabeça, pois o corpo podia estar apoiado até mesmo no chão, sempre de barriga para cima.

Na gastronomia, apreciava muito a cozinha mineira. Repudiava a sofisticação na alimentação pois acreditava que esta alterava o sabor. Possuía uma verdadeira voracidade por frutas, mangas em especial. Quando as comia, seus olhos brilhavam e seus pés repicavam o chão, de felicidade. Como

filha estimosa e estimada Marly sempre o recebeu com muita fruta à mesa. Dos salgadinhos, ele ficava com arroz branco, bem feito, e leitão, assado ou a pururuca.

A preocupação com a educação dos filhos levou-o a estudar muito sobre psicologia e psicanálise. Isto contribuiu também para que viesse a ser o primeiro a sugerir a introdução da cadeira de Psicologia num curso de medicina, o de Ribeirão Preto. Seu equilíbrio emocional quase chegava à perfeição. Durval Mercedes, psicólogo e ami-

Zeferino Vaz morreu em 1981 aos 72 anos, em São Paulo. Deixou três filhos e oito netos. Dos vários trabalhos que elaborou, “Patologia da Universidade”, publicado em diversos jornais brasileiros, inclusive na edição de 18 de fevereiro de 1968, na página 66 do suplemento especial de Educação da Folha de S. Paulo, serviu de base para a entrevista deste número do “Jornal Adunicamp”. As respostas foram extraídas deste documento, que juntamente com algumas fotos foram cedidos pelo Cidic. A Adunicamp agradece esta atenção.

Produção de alimentos no Brasil

Mohamed Habib - Zool. IB

Os povos dos dois continentes, africano e asiático, deficientes na produção de alimentos, focalizam o Brasil como a grande esperança do presente e do futuro próximo para alimentar a população faminta no Antigo Mundo. Atualmente existem 500 milhões de pessoas subnutridas nos países em desenvolvimento (quase 4 vezes a população do Brasil). Dessas, cerca de 17 milhões morrem anualmente em decorrência de doenças causadas por má nutrição. Isto sem falar das perspectivas nos próximos 30 anos.

Aqueles países acreditam no Brasil (esperança) pela sua imensa área cultivável, pela qualidade do solo e do clima totalmente favoráveis à produção de alimentos, pelo potencial hídrico e possibilidade de irrigação, facilitando a produção durante o ano todo. Por outro lado, o quadro atual de produção de alimentos no Brasil não coincide com essa grande esperança. Sabemos tanto da subnutrição que atinge grande parcela da população brasileira, como de má qualidade de alimentos que não respeitam nem a legislação nacional nem as normas estabelecidas por entidades mundiais.

Restringimos aqui a discussão sobre apenas a questão dos resíduos tóxicos existentes no nosso alimento, suas causas e como evitá-los. Os altos índices de substâncias tóxicas em alimentos é um indicador paralelo à baixa produtividade, onde ambos indicam uma exploração agropecuária subdesenvolvida e com defasagem de praticamente 20 anos em relação aos países mais desenvolvidos.

Análises de resíduos revelam que mais de 80% da manteiga vendida no Brasil, mais de 90% da salsicha, mais de 60% do presunto, mais de 80% da lingüiça e 100% de uma marca de óleo de milho contêm teor de substâncias tóxicas acima do permitido por lei. A situação é muito grave pois a maioria desses contaminantes é de organoclorados altamente persistentes no tecido animal, principalmente adipose e no leite, permanecendo por vários anos no nosso corpo. Realmente, é difícil avaliar a extensão do problema, com o uso indiscriminado e abusivo desses produtos na Agricultura. Isto sem falar das 20.000 pessoas que morrem anualmente nos países do 3º mundo, intoxicadas por apenas um produto como Paration; nem do café e do açúcar exportados do Brasil para os EUA e denunciados pelos seus teores de resíduos tóxicos.

Por que este quadro ainda existe no Brasil e não mais nos países considerados mais desenvolvidos? Simplesmente porque eles acreditam que a Agricultura significa aplicação da ciência, enquanto que vários de nós acreditam que é apenas uma operação de enxada. Pesquisas realizadas por várias instituições brasileiras, inclusive de vários professores na UNICAMP, já revelaram os erros e as consequências negativas do emprego de vários agrotóxicos na lavoura brasileira. Além da contaminação de alimentos, temos a poluição, o desequilíbrio ecológico, a destruição da qualidade do solo, a baixa produtividade e o alto custo na produção de alimentos.

Foi verificada e comprovada a existência de outros métodos mais eficientes, econômicos e seguros para enfrentar e combater as pragas agrícolas no Brasil. O grupo de Entomologia Econômica e Controle

Biológico do Departamento de Zoologia/IB, além do grupo de professores do Departamento de Genética e o grupo de fermentação de bactérias entomopatogênicas do Departamento de Engenharia de Alimentos/FEA tem realizado excelentes pesquisas visando diretamente o combate a pragas e vetores através de agentes biológicos. Esses agentes que podem ser manuseados e aplicados pelo homem, também incluem uma grande quantidade de membros que ocorrem naturalmente na lavoura e sem nenhum exagero podem se responsabilizar por mais de 90% de mortalidade e eliminação de populações desses insetos prejudiciais. As pesquisas feitas na UNICAMP, seja sob condições de campo ou no laboratório, abrangem culturas como soja, milho, cana-de-açúcar e algodão, além de alimentos armazenados e insetos aquáticos vetores de doenças para o homem.

As pragas da soja e do milho podem ser combatidas através de agentes puramente biológicos (bactérias, fungos e parasitos), sem necessidade de qualquer substância tóxica. No caso da cana já existem as grandes liberações de insetos parasitos para controlar a praga mais séria, a broca da cana. Nos cereais armazenados, bactérias específicas e insetos podem ser seguramente usados. Sem falar da questão da segurança para o ambiente, para a saúde do consumidor e do produtor, temos sempre maior eficiência no combate e ainda maior economia, simplesmente reduzindo o custo de combate para apenas 30-40% do custo do controle exclusivamente químico. Mesmo para o controle de insetos vetores de doenças, aonde a relação risco/benefício seria obviamente outra, o uso de inseticidas químicos não seletivos e persistentes tem sido revisto. No Brasil, questões críticas como a da malária, oncocercose, leishmaniose, chagas ou como da dengue mais recentemente, deverão ser encaradas com vistas ao uso dos inseticidas biológicos (bactérias) ou de químicos seletivos (desreguladores de crescimento). Nossas pesquisas estão se aprofundando também nesse campo, revelando a possibilidade de que produtos comerciais dessa nova geração de inseticidas, no nosso mercado, irão garantir um combate mais racional aos vetores de doenças.

As pesquisas realizadas no Brasil, publicadas dentro e fora do país, os Congressos de Entomologia dos últimos anos e as pesquisas divulgadas revelam que as instituições brasileiras avançaram bastante nesta questão e que já têm excelentes condições de livrar os alimentos de grandes quantidades de substâncias tóxicas através de adotar outras alternativas no combate às pragas. É fácil acreditar que outras áreas estejam também bem desenvolvidas no Brasil, como genética, ecologia e nutrição vegetal, ciências de solo e outras que teriam participação direta na elevação da produtividade e da qualidade do alimento. Faltaria apenas a ponte de ligação entre a pesquisa e a execução, acoplada a programas de orientação e conscientização do nosso homem do campo. Investimentos pequenos nas pesquisas, principalmente nas Universidades, resultariam em grandes benefícios a curto prazo. A biotecnologia, hoje, é um campo promissor para resolver, pelo menos, o problema da fome já existente.

Nosso concurso de charges

Filas!

Este problema tem solução?

As filas, a demora no recebimento dos extratos que deveriam informar mais e as dificuldades de se operar com o banco em época de pagamento são as reclamações mais constantes dos usuários da agência do Banespa da Cidade Universitária, dentro do campus da Unicamp. Existem ainda reclamações sobre encerramento de contas e vazamento de informações sobre a situação de clientes pelos funcionários.

O gerente da agência, Maurílio Z. Cristóvão não esconde sua concordância com algumas das reclamações mas adianta que nem tudo é culpa do banco. "Vejam o caso das filas, por exemplo. Não posso negar que elas existem, principalmente em dia de pagamento. Acontece que as filas poderiam ser reduzidas em muito se certas operações, como retirada de talões de cheques, não fossem efetuadas pelos clientes neste dia. O banco precisa ser utilizado de forma racional".

A agência do Banespa na Unicamp conta hoje com 30 funcionários, assim distribuídos por funções: um gerente; um chefe de serviço; quatro subchefes; cinco funcionários de apoio e 19 caixas, um na venda de passes e dois de férias. O gerente não concorda com a afirmação de que o número de funcionários é reduzido. "Temos condições de operar adequadamente com este quadro mesmo com a chegada dos quase 3 mil funcionários do Hospital das Clínicas ao Campus. Hoje estamos movimentando cerca de 12 mil contas correntes e o que temos de reclamações é insignificante perto deste número".

Algumas alternativas administrativas já estão sendo providenciadas pela gerência no sentido de minimizar o problema das filas. "Como já disse é preciso esforço conjunto para solucionar o problema — explica Maurílio. Da nossa parte já propusemos até um escalonamento no pagamento dos funcionários do Hospital e da Unicamp que passariam a receber em dias diferentes. A medida é de responsabilidade administrativa da Universidade e não nossa. Por outro lado já estamos providenciando a implantação de um caixa volante que atenderá na Adunicamp e na administração da Unicamp, o que beneficiará em muito os clientes do banco".

Quanto ao problema de encerramento de contas por falta de fundos para cobertura de cheques, principalmente dos especiais, o gerente explica que em alguns casos não existe outra alternativa. "Só para se ter uma idéia, hoje (12.11.86) estamos a cinco dias após o pagamento e já efetuamos 28 pagamentos acima do limite. Lá pelo dia 20 do mês, este número chega a quase 500. São vários os clientes especiais que atingem os 60 dias a descoberto no limite. Nós tentamos sempre solucionar o problema da forma mais adequada possível, tanto para o banco, como para o cliente. Chegamos até oferecer empréstimos para cobertura.

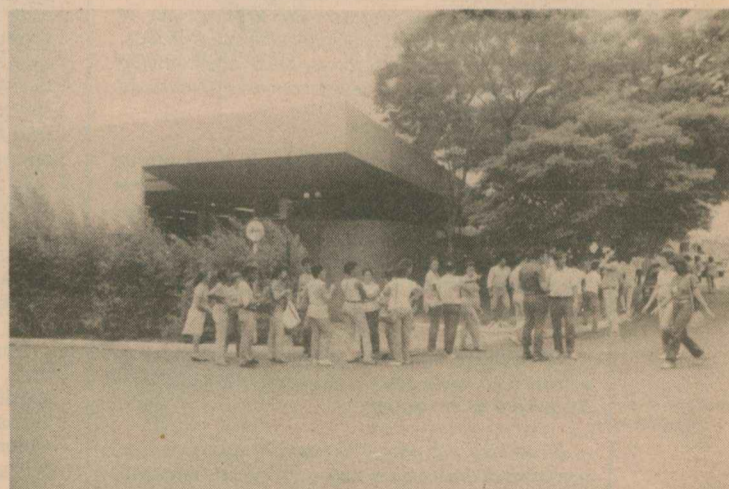
Um bom desenho diz mais que mil palavras. No XX aniversário da Unicamp o "Jornal Adunicamp" está lançando um concurso de charges. Qualquer pessoa pode participar com quantos trabalhos quiser. As inscrições vão até 15 de janeiro e o prêmio é de 3 mil cruzados para o primeiro colocado. Os desenhos devem ser enviados com 5 cópias xerox mais envelope lacrado com identificação, endereço e telefone do autor para a Adunicamp: * Cidade Universitária — CP 6158 — Campinas — SP. Maiores informações pelo telefone (0192) 39.1148.



A fila no banco em dia de pagamento...



... dobra uma esquina...



... e mais outra esquina. Haja fila!

Quando não há solução, encerramos a conta. Isto pode causar, sabemos, problemas para o cliente, com a inclusão de seu nome no cadastro de emissão de cheques sem fundo, sobre o que incide uma taxa cobrada pelo banco e recolhida ao Banco Central. Por isso,

só encerramos a conta como última alternativa para o problema".

Nota da Adunicamp: - O caixa volante já está funcionando em nossa sede às 2ªs, 4ªs e 6ªs das 12 às 14 horas.

TRIBUNA LIVRE

O ser insignificante

Jansle V. Rocha - Feagri

Contratado há sete meses como MS-1 Instrutor pelo Departamento de Planejamento e Produção Agropecuária da Faculdade de Engenharia Agrícola, começo a perceber que sou um dos remanescentes de uma categoria em extinção.

Pensando bem, chego a uma pergunta metafísica: O MS-1 existe?

Há dois tipos de respostas para essa pergunta:

1) Não, o MS-1 não existe.

— Não existe porque o seu salário é ruim. Cabe ressaltar que, dentro de algumas propostas para reestruturação da carreira docente, os MS-1 vão ter um reajuste salarial por volta de 20%, enquanto que os reajustes para os MS-6, em alguns casos, passam dos 100%, se contarmos as gratificações por mérito.

— Não existe porque não tem representantes no Conselho Universitário. Isso porque algumas pessoas acham que os interesses dos MS-1 serão defendidos pela representação dos alunos de pós-graduação. Sem comentários.

— Não existe porque agora foi criada a Monitoria 2, que poderá fazer com que um aluno de pós-graduação execute algumas das funções do MS-1, ganhando 80% do seu salário. Infelizmente esse tipo de exploração salarial está chegando à universidade.

— Não existe porque não faz parte dos quadros da carreira em algumas das propostas para reestruturação da carreira docente.

— Não existe porque não é considerado docente.

2) Sim, o MS-1 existe.

— Existe porque é obrigado a ser responsável por uma ou, em alguns casos, até mais disciplinas de graduação.

— Existe porque, como no meu caso, não raras vezes representa e/ou responde pela chefia de um departamento em implantação, participando de reuniões, elaborando orçamentos, etc...

— Existe porque sempre sobra para o MS-1 a participação em comissões, conselho de representantes, etc...

— Existe porque faz número em reuniões, assembleias e comissões, onde se perde horas na discussão e elaboração de propostas concretas a respeito de assuntos importantes, as quais servirão apenas para colorir a pseudo "democracia universitária", pois não são levadas em consideração, uma vez que os pacotes já vem prontos e devidamente embrulhados. É o que se viu nos casos do vestibular e do conselho universitário, e agora se repete com a reestruturação da carreira docente.

— Existe porque é obrigado a engolir propostas de carreira docente (ou indecente) como a da USP, que valoriza os concursos, por exemplo os de livre docência, onde teses mediocres, que certamente seriam recusadas como teses de mestrado, são aprovadas com notas entre 9,5 e 10,0 por uma banca formada por amigos do candidato.

Infelizmente sinto que, persistindo essa falta de incentivo ao início da carreira docente, a universidade deixará de se renovar.

Já consigo até prever os grandes temas para as pesquisas daqui a algum tempo. Em vez da biotecnologia, a gerontologia, em vez da química fina, a química dos íônicos capilares e de rejuvenescimento, em vez da informática, a tecnologia de ponta na confecção de bengalas.

Unicamp: "O potencial silencioso"

Mohamed Habib — Zool. IB

Esta manifestação não representa nenhum interesse político/partidário, pois já passou a época das eleições. É sim, representa uma preocupação superior a qualquer ideologia partidária; pela nação e pelo Brasil como todo.

O PMDB acabou de concretizar a sua vitória, como diziam durante a campanha, "de ponta a ponta". A UNICAMP como Universidade, sempre foi bem vista pelo PMDB, portanto, estaria hoje numa situação bem privilegiada pelos dois governos, Estadual e Federal. Com isso, pergunto: O que a UNICAMP fará diante de tudo o que foi reivindicado e diante de tudo que foi prometido pelos candidatos durante a campanha eleitoral?

O que a UNICAMP fará para colaborar na elaboração de uma constituição que garanta ao cidadão o direito de um meio ambiente sadio e não poluído, com definições dos crimes ecológicos e das punições de ações lesivas ao meio ambiente e a saúde pública? O que a UNICAMP fará na questão da reforma agrária, no uso e na ocupação da terra? O que a UNICAMP fará na elaboração de Leis de uso dos agrotóxicos? Qual será a opinião da UNICAMP diante da questão da energia nuclear, crime tanto ecológico quanto econômico? Ou será que nós também, sem motivo e sem necessidade, arriscamos a nossa vida para sobreviver? Será que a fórmula de benefício/risco entrará na nova constituição?

A UNICAMP, a nata da comunidade científica brasileira, permaneceu em silêncio, diante da invasão dos canaviais ao redor da Cidade Universitária e de Barão Geraldo. Será que nós concordamos com o atual Pró-álcool? Será que nós concordamos com a substituição da produção de alimentos por álcool? Será que nós concordamos com a importação de arroz, feijão, milho e outros, ao invés de produzir e exportar? Será que nós concordamos com a ameaça que a Mata Santa Genebra enfrenta hoje, cercada por canaviais? Será que é isto que nós entendemos e ensinamos no nosso Curso de Pós-Graduação em Ecologia, o melhor do país?

A UNICAMP, até o momento não se manifestou diante dos vários problemas desse gênero, de interesse nacional e regional. O Governo Federal, já noticiado pela imprensa, aumentou o limite máximo permitido de micróbios no leite e ninguém se manifestou. Ao invés de melhorar a qualidade de exploração e de industrialização de derivados, estão permitindo maior risco para a saúde da população, principalmente da criança, que foi usada durante as campanhas recebendo apenas beijos e abraços dos grandes candidatos.

Será que não seria este o momento adequado para ouvir a voz da nossa Grande UNICAMP, opinando, falando, discutindo e manifestando-se para colaborar na elaboração da nova Constituição?

Parece-me que o pessoal está esperando as cobras, as aranhas, os escorpiões invadirem as suas residências, após a queimada dos canaviais, para se manifestarem (como esperaram a ameaça dos venenos nos algodões em 1983). Parece-me que o pessoal está esperando as deformações genéticas, a destruição do ambiente, da saúde e da economia para criticarem depois uma constituição elaborada à revelia da comunidade científica brasileira. Desejo que esteja enganado.

Um cardápio variado

Irenilza de Alencar Nääs — FEAGRI

Vivemos um clima de emoções políticas das mais variadas, muitas novidades nas promessas nos desaforos e até nas acusações. Mas tudo isso faz parte do exercício da democracia e, embora meio a contragosto, a coisa toda "desce de goela abaixo" de qualquer maneira. Somente uma coisa não parece mudar muito, continuamos um país de modismos. De um dia para outro vira moda vestir as cores da bandeira, e todo mundo está na rua de camisetas, vestidos, calças e tudo mais, nas dignas cores. Aparece um programa na televisão com "X" e lá se vai nossa gramática por água abaixo e as palavras que soam, começam a "Xoar". Haja paciência!

Enquanto o modismo não fere o cerne das questões maiores, vamos deixá-lo de lado mas, quando se trata de prioridades nacionais de qualquer ordem, então cabe pensar muitas vezes no assunto e em suas consequências. E vem o discurso das prioridades em pesquisas. Já faz algum tempo que há uma tendência inercial para o uso das áreas de informática, engenharia genética, biotecnologia, química fina e fármacos, como prioritárias.

Ora, todas as áreas do conhecimento são prioritárias, desde que haja recursos suficientes para custear pesquisas científicas ou tecnológicas. Um exemplo recente é a irrigação; criou-se até um Ministério para privilegiar a área e naturalmente absorver eventuais desempregados da velha república ou, prefiro dizer, do governo anterior. Mas, ao que anda parecendo, não se está pesquisando na área crítica de irrigação, que são os equipamentos. A indústria está copiando, como pode, equipamentos estrangeiros e o resultado que está nos campos é uma lástima. De novo o agricultor arcando com custos de desenvolvimento.

Anda difícil justificar a prioridade da pesquisa agrícola em alguns níveis. Não está na moda, nem o feijão com arroz faz parte do palavreado de discursos políticos fora da época da campanha, é talvez descomplicado demais. Quem sabe seja mais fácil justificar um projeto de "boi gordo", ou de como engordar um boi em quinze dias e levá-lo ao abate. O assunto está nos jornais, no modismo.

De toda sorte, ficaria muito interessante um cardápio que tivesse química fina para o desjejum, informática no lanche, engenharia genética para um lauto almoço e fármacos num jantar supimpa.

Nessas alturas, bom mesmo era um sítiozinho para ter uma horta, plantar milho e criar galinha, porque num futuro próximo, nos supermercados não haverá alimentos suficientes à disposição dos brasileiros.